

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FORMIGA – UNIFOR-MG
CURSO DE PEDAGOGIA
CLÁUDIA LUISA CONRADO DE REZENDE

**A MÚSICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM,
DAS SÉRIES INICIAIS, DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

FORMIGA – MG
2018

CLÁUDIA LUISA CONRADO DE REZENDE

A MÚSICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM,
DAS SÉRIES INICIAIS, DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Pedagogia
do UNIFOR-MG, com requisito parcial
para obtenção do título licenciatura em
Pedagogia.

Orientador(as): Neiva Maria Rodrigues
Silva e Sinara C. Teixeira Carvalho

FORMIGA – MG

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca UNIFOR-MG

R467 Rezende, Cláudia Luisa Conrado de.
A música no processo de ensin- aprendizagem das séries iniciais da
educação básica / Cláudia Luisa Conrado de Rezende. – 2018.
39 f.

Orientadoras: Neiva Maria Rodrigues Silva, Sinara C. Teixeira Carvalho.
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia)-
Centro
Universitário de Formiga-UNIFOR, Formiga, 2018.

Catálogo elaborado na fonte pela bibliotecária
Rosana Guimarães Silva – CRB6-3064

Cláudia Luisa Conrado de Rezende

A MÚSICA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM,
DAS SÉRIES INICIAIS, DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Pedagogia
do UNIFOR-MG, com requisito parcial
para obtenção do título licenciatura em
Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Neiva M^a Rodrigues Silva e Sinara C. Teixeira Carvalho
Orientadoras

Prof^a. Ma. Maria de Fátima Mendonça
UNIFOR-MG

Prof^a. Ma. Maria Francisca de Souza Lopes
UNIFOR-MG

Formiga, 12 novembro de 2018

Dedico esse trabalho aos meus mestres que, generosamente, me agraciaram com seus conhecimentos. A meus pais, namorado, familiares, amigos e colegas de profissão que sempre me apoiaram. E especialmente dedico a você professor que busca levar para suas práticas docentes a leveza e alegria da música. Saiba que esse trabalho foi escrito pensando em vocês.

AGRADECIMENTOS

“Felizes os que temem o Senhor e trilham seus caminhos.” (BÍBLIA, Salmo, 127: 1). É pela graça de Deus que hoje concluo meu Trabalho de Conclusão de Curso e encerro um ciclo de formação profissional. Muita coisa se passou durante toda minha trajetória escolar, acadêmica e profissional e por sua benção e intercessão de Nossa Senhora venci todos os obstáculos e me fiz forte para enfrentar tudo que ainda virá. Mas esse caminho só foi possível de concluir graças aos meus professores do Infantil, Ensino Fundamental, Médio e, em especial, os do Ensino Superior, do UNIFOR-MG. Foi graças à instituição que me proporcionou a oportunidade de contar com os ensinamentos de mestres excepcionais. Vocês sempre me ajudaram e estiveram ao meu lado me dando inspiração e vontade de seguir em frente e assim finalizo meu Curso Superior. Agradeço em especial a você Sinara que desde o início me apoiou e nunca mediu esforços, para me ajudar no processo de construção desse trabalho. Foram muitos e-mails e mensagens trocadas, visitas nos fins de semana, para que, com o seu apoio, eu pudesse criar um trabalho que servisse de inspiração para as pessoas. Muito obrigada por tudo, você é minha inspiração como profissional. A você, Neiva, minha eterna gratidão por abraçar o meu tema e com seu jeito humilde se prontificou a me orientar, contando com o apoio de uma coorientadora. Sua ajuda foi primordial, para que esse trabalho fosse concluído. Agradeço aos meus pais, que sempre me apoiaram em todos os meus sonhos, incentivando-me a dar o meu melhor em tudo. Ao meu primeiro mestre musical Odil que não desistiu daquela menininha desafinada, que sonhava em cantar no seu coral. Foi graças a você que hoje a música, assim como o lecionar, é minha paixão. A você, João Vitor, meu companheiro de todas as horas, que sempre esteve ao meu lado me aconselhando dando força e apoio para não desistir, muito obrigada por ser a Luz de Deus em minha vida. Enfim, deixo aqui o meu muito obrigada a todos que estiveram comigo, durante toda minha trajetória acadêmica, vocês foram primordiais nesse processo.

RESUMO

Durante a história da humanidade e seu processo evolutivo, a música esteve presente em muitos lugares e contribuiu, para que o ser humano se desenvolvesse. Muito valorizada pelos gregos, ela está no cenário educacional, desde a Grécia antiga. No Brasil, sua trajetória foi marcada por diversos motivos. Nem sempre foi destaque no processo educacional, mas, atualmente, com a aprovação da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, a música está mais presente nas escolas. Mesmo assim, ainda não é trabalhada de forma a explorar todos os seus benefícios. Durante a revisão bibliográfica foi possível analisar vários autores como França (2016), Loureiro (2010), Santana (2016), Camargo (2009), Zorzal (2011), Unglaub (2000), Figueiredo (2002), Góes (2009), Granja (2013), Moreira, Santos, Coelho (2014), Santos (2002), Ferreira e Rubio (2012), Aquino (2013), Ponso (2011), que retratam a trajetória da educação musical e como é possível inseri-la nas escolas, de forma significativa. É um tipo de linguagem dinâmica, que atrai os alunos e contribui em seu aprendizado, além de ser um ótimo recurso didático a ser utilizado pelos professores. É preciso analisar seu papel na educação, seus benefícios para o processo de ensino-aprendizagem e como é possível incluir a música na rotina escolar.

Palavras-chave: Música. Processo de ensino-aprendizagem. Recurso didático.

ABSTRACT

During the history of humanity and its evolutionary process, music was present in many places and contributed to human development. Highly prized by the Greeks, it has been in the educational setting since ancient Greece. In Brazil its trajectory was marked by several reasons. It was not always featured in the educational process. But, currently, with the approval of LAW N° 11.769, OF AUGUST 18, 2008, music is more present in the schools. Even so, it is not yet worked to exploit all its benefits. During the bibliographic review it was possible to observe several authors such as France (2016), Loureiro (2010), Santana (2016), Camargo (2009), Zorzal (2011), Unglaub (2000), Figueiredo (2002), Góes (2011), which portray the trajectory of musical education and how it is possible to insert it in schools in a significant way. It is a type of language, dynamic, that attracts students and contributes to their learning, as well as being a great didactic resource to be used by teachers. It is necessary to analyze its role in education, its benefits to the process of teaching learning and how it is possible to include music in the school routine.

Keywords: Music. Teaching learning process. Didactic resource.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO MUSICAL	11
2.1	A origem da música	11
2.2	A música para os gregos e romanos	11
2.3	A educação musical no Brasil	14
3	A MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR ATUAL	20
3.1	Ouvir e escutar	22
3.2	Inteligências múltiplas e a música	24
3.3	Educação musical e a psicomotricidade	25
4	OS DESAFIOS PARA PLENA EXECUÇÃO DA EDUCAÇÃO MUSICAL	27
4.1	Formas de se trabalhar a educação musical.....	31
4.1.1	Música e literatura infantil	31
4.1.2	Música e desenho	32
4.1.3	Música e a matemática	33
4.1.4	A música e alfabetização.....	34
4.1.5	Música e mídia.....	35
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Durante todo processo evolutivo e da história da humanidade, a música esteve presente em muitos lugares e colaborou, para que o ser humano se desenvolvesse na comunicação e interação com o outro. De várias formas e com diversos objetivos, contribuiu para a evolução humana.

O primeiro capítulo, mostra como ela foi muito valorizada pelos gregos, que a consideravam como um dos pilares para a formação do homem, ela perdeu seu valor com a dominação dos romanos que só contemplavam o corpo. Voltou a ter destaque com os jesuítas que a utilizava como forma de evangelização para dominação dos povos pela fé.

Inserida nas escolas, primeiramente, com objetivo de catequização, foi aos poucos sendo usada como forma de expressão artística mais voltada para aprendizagem de cantos e instrumentos. Considerada desnecessária para o processo educativo, desde 2008 vem ganhando apoio e força, para ser utilizada nas escolas, de forma mais ampla e significativa.

O segundo capítulo aborda o fato de que mesmo com a aprovação da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, que inclui a música como conteúdo obrigatório a ser trabalhado, nas escolas desde as séries iniciais às finais, sua execução ainda demonstra dificuldades e falhas.

A falta de preparo dos professores perante a música contribui, para que ela seja trabalhada de forma superficial e sem contexto. E assim, não atinja os benefícios que ela proporciona. Loureiro (2010), diz que há um preconceito de que para produzir música é preciso ter “dom” não é mais uma verdade. Para ele qualquer pessoa pode fazer e se expressar por meio dela, desde que seja oferecido um ambiente propício, para que isso ocorra.

É papel da escola oferecer e buscar recursos para criar um ambiente favorável à plena execução da educação musical. E assim, mostrar que é possível integrá-la dentro da rotina diária da escola. Ela pode contribuir na formação motora, desenvolver habilidades de ouvir e escutar, além de potencializar as inteligências múltiplas.

O terceiro capítulo mostra que a música pode ser abordada em diversas áreas do conhecimento como na matemática, alfabetização, desenho, literatura e nas mídias, e com ela desenvolver o aluno em vários aspectos entre eles o

social, psicomotor, cognitivo e assim obter, cada vez mais, avanços no processo educativo. A educação musical não deve ser trabalhada de forma isolada dos demais conteúdos. Afinal, o seu objetivo é facilitar e mediar a aprendizagem dos conteúdos, e quando trabalhada de forma interdisciplinar apresenta mais resultados.

A pesquisa visa ressaltar quais as contribuições da música e determinar seu papel na educação, seus benefícios para o processo de ensino-aprendizagem e investigar como é possível realizar sua inclusão, na rotina escolar, observando todo o seu trajeto histórico desde as cavernas até a atualidade, registrando seus avanços e retrocessos no sistema educacional brasileiro.

A música é um instrumento didático fundamental para o processo educativo, que atrai os educandos e contribui em seu aprendizado. Como diz Góes (2009, p. 6), “o objetivo da música na educação é contribuir na formação e desenvolvimento da personalidade da criança, pela ampliação cultural, enriquecimento da inteligência e pela evolução da sensibilidade musical.”

Embora nem sempre no cotidiano escolar ela seja valorizada e trabalhada como deveria, é preciso resgatar essa importância e destacar ainda mais os seus benefícios, ressaltando o seu papel na educação, para despertar nos docentes o prazer de levar mais musicalidade para a sala de aula. Sua inserção no contexto escolar vai além de formar músicos, ela contribui para desenvolver nos alunos habilidades que complementem sua formação educacional. Mas qual o papel da música no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da Educação Infantil e Séries Iniciais, do Ensino Fundamental?

A metodologia utilizada para a realização do trabalho é a pesquisa bibliográfica, baseada na reflexão de livros, artigos, sites, revistas além do estudo de autores como: França (2016), Loureiro (2010), Santana (2016), Camargo (2009), Zorzal (2011), Unglaub (2000), Figueiredo (2002), Góes (2009), Granja (2013), Moreira, Santos e Coelho (2014), Santos (2002), Ferreira e Rubio (2012), Aquino (2013), Ponso (2011), que abordam o papel da música na educação.

2 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO MUSICAL

2.1 A origem da música

Durante toda a história da humanidade, a música esteve presente em muitos lugares de várias formas e com diversos objetivos, contribuindo para a evolução humana.

Ao longo de todo o processo evolutivo, a música colaborou para que o ser humano se desenvolvesse na comunicação e interação com o outro, aumentando, assim, sua capacidade de sobreviver e lidar com os desafios do ambiente.

Uma comprovação da presença da música, durante o período das cavernas pode ser encontrada em registros arqueológicos e em objetos antigos feitos de ossos, pedras e pedaços de madeira. Segundo França (2016):

A arte rupestre e diversos objetos encontrados em sítios arqueológicos indicam a presença da música como expressão cultural desde o Paleolítico Superior. [...]. É possível que ela tornasse o cotidiano mais prazeroso e promovesse o bem-estar, aumentando as chances de sobrevivência da espécie. Ela pode ter contribuído para fortalecer o vínculo entre as pessoas, favorecendo a manutenção de redes sociais mais amplas e sua expansão demográfica e territorial. (FRANÇA, 2016, p. 89)

Após o período paleolítico a valorização da música pode ser observada na Grécia antiga de onde se originou a palavra que “vem do grego *mousiké* e designava, juntamente com a poesia e a dança, a “arte das musas”. O ritmo, denominador comum das três artes, fundia-as numa só.” (LOUREIRO, 2010, p. 33). A música foi ganhando espaço na cultura grega e em seu processo educacional.

2.2 A música para os gregos e romanos

Os gregos, assim, como os homens das cavernas viram na música uma forma de evolução não apenas na sobrevivência como, também, na educação que “era concebida como a relação harmoniosa entre o corpo e a mente e seu objetivo era preparar cidadãos para participar e usufruir dos benefícios da

sociedade.” (LOUREIRO, 2010, p. 34). Para eles o corpo e a mente se complementam, e a forma de expressar o que a mente necessita é feito por meio da arte que, por sua vez, era representada pela música e suas vertentes. Já o corpo era trabalhado pela ginástica. “Pela música e pela ginástica, buscava-se o equilíbrio entre a mente e o corpo, buscava-se um universo equilibrado – “ginástica para o corpo e música para a alma” (LOUREIRO, 2010, p. 34). Criando, assim, uma relação de harmonia entre elas para obter a formação do ser, de forma que possa usufruir dos bens sociais. Formando um equilíbrio entre o corpo e a mente. Essa harmonia fazia com que o ser se tornasse pleno e assim pudesse desenvolver seus potenciais.

Segundo Loureiro (2010), para os gregos, educação musical não significava aprender a tocar um instrumento como piano ou violino. Mas estudar a fundo todas as artes liberais, a escrita, matemática, desenho, declamação, física e geometria. Precisavam, também, cantar em um coro e saber tocar pelo menos um instrumento.

Com o ensino da música, era possível abordar diferentes áreas do conhecimento e trabalhar habilidades importantes para o desenvolvimento da mente humana. Alcançando assim, inúmeros benefícios para formar seres ativos na sociedade, que saibam expor suas ideias, sentimentos e conhecimentos.

Com o estudo musical as pessoas aprendiam e dominavam conteúdos de difícil entendimento, como a matemática. “Segundo Pitágoras, matemática e música eram parte uma da outra, e nessa relação estava a explicação para o funcionamento de todo o universo”. LOUREIRO (2010, p. 34). A relação entre elas simboliza como a expressão e reflexão, contribuem para a formação de conhecimento, pois pela música se reflete aspectos do cotidiano, já pela matemática se buscam respostas concretas para os fenômenos e acontecimentos.

Para Platão, pela música, o homem se abre e reflete sobre a vida, e passa a criar uma percepção sobre o belo. Expondo seus pontos de vista e criando hipóteses para a resolução de situações diversas. (LOUREIRO, 2010). Ao perceber e analisar sobre diversos acontecimentos o homem vai aprimorando seu senso crítico e se inserindo de maneira mais ativa no meio social.

Nas escolas gregas, para que ocorresse o ensino da música, as turmas eram divididas por idades. Assim diz Loureiro (2010) sobre isso:

Dos 14 aos 17 anos, fase inicial dos estudos, a educação ficava a cargo dos mestres especiais e seu conteúdo previa ginástica e música, compreendendo conhecimentos de poesia, história, drama, oratória e ciência. A maior parte do tempo era destinada ao ensino da música, que incluía a aprendizagem dos fundamentos da teoria musical, princípios do som e de sua grafia e as leis que regem a construção melódica e rítmica. O segundo nível da educação musical iniciava-se pouco antes dos 20 anos e terminava aos 30 anos de idade. Nessa etapa, as disciplinas astronomia, gramática, aritmética e música compunham o *quadrvium*, ou estudos das disciplinas “científicas”. O conhecimento musical nessa fase, mais teórico, pode ser entendido como *ethos* musical. Para concluir a educação musical, havia um terceiro nível, que se estendia por mais cinco anos levando o aluno ao estudo da dialética. (LOUREIRO, 2010, p. 37, grifo da autora)

É possível observar que essa divisão era feita de forma gradual e aos poucos se aprofundavam nos conhecimentos e saberes específicos, que se julgavam essenciais para a formação do homem e sua atuação na sociedade, onde o conhecimento era valorizado e visto como bem de grande valor. É por meio da música que sempre esteve presente contribuindo na aquisição desses conhecimentos.

Com a invasão dos romanos, o estudo da música sofreu algumas mudanças, pois devido a formação da população romana ser de origem guerreira que não valorizava as emoções e a sensibilidade, o ensino de música ficou por um tempo estagnado. Para eles, o importante era desenvolver habilidades de batalha, formar soldados para vencer guerras e conquistar mais territórios.

Aos poucos “a educação musical vai ganhando espaço entre os romanos, passando, porém, a ser estudada como “ciência”. (LOUREIRO, 2010, p. 37). Perdendo seu aspecto de harmonia entre o corpo e a alma, ganhando uma identidade mais formal, sendo considerado um conhecimento teórico. Ela deixa de ser trabalhada com o objetivo de expressar e passa a ser estudada de maneira conteudista.

2.3 A educação musical no Brasil

Com o cristianismo e a criação das escolas jesuítas, o ensino da música mais uma vez sofreu alterações principalmente em seu objetivo, que passou a ser espalhar o catolicismo, usando o canto nas igrejas, como forma de catequisar.

Segundo Santana (2016):

Na era medieval o maior propósito da música era louvar a Deus e o controle do aprendizado musical foi confiado à Igreja. A criança talentosa era levada à Igreja para aprender o ofício de músico, objetivo era centrado na boa produção musical, destinada a atender às necessidades litúrgicas das Igrejas, não existindo nenhuma preocupação com o desenvolvimento musical da criança ou com sua educação e bem-estar. (SANTANA, 2016, p. 9)

Nesse período, o ensino da música se resumiu ao ato de evangelizar e adorar a Deus. Os cantos trabalhados, continham na letra trechos de passagens bíblicas, faziam reflexão à obediência incondicional aos preceitos religiosos da época.

O uso da música pela igreja, como forma de anunciar o evangelho, foi comum por muito tempo. Os jesuítas usavam, em suas caravanas, na busca por mais cristãos, esses cantos como recurso catequético.

Com a vinda deles para o Brasil, esse método, também, foi muito utilizado, como afirma Camargo (2009):

A educação musical no Brasil após seu descobrimento pelos portugueses, chegou com os jesuítas com objetivo de catequizar e ensinar valores e práticas portuguesas em detrimento e substituição da cultura e dos valores locais. Essa forma de educação musical funcionava ligada à religião e com conteúdos que tinham uma ordem crescente de dificuldade e a utilização da repetição e memorização para efetivar o aprendizado, estendendo-se durante todo o período colonial. (CAMARGO, 2009, p. 6)

Os jesuítas pregavam a fé cristã e, ao mesmo tempo, educavam os nativos de acordo com os preceitos religiosos e a cultura portuguesa. Eles se viam como salvadores, que estavam ali, para salvar as almas e ensinar-lhes como as pessoas deviam se portar em sociedade, como se o modo de vida europeu fosse o único correto.

Os colonizadores relatavam, em cartas, que a população que aqui habitava, eram como animais que precisavam ser salvos e que não tinham nenhum conhecimento. Acontece que, no Brasil, as tribos possuíam muitos conhecimentos, costumes e deuses de diferentes tipos, o que para os colonos não tinham o menor significado.

A música já fazia parte da cultura bem antes dos portugueses chegarem. Os nativos a usavam para cultuar e festejar. Com a chegada dos jesuítas, foi implantado de forma brusca o ensino musical para os indígenas que aqui moravam, com o objetivo de domar, por meio da religião, e assim conseguir explorar o novo território, sem deixar de lado o fato de que com isso, angariavam mais pessoas para a fé católica. Para Zorzal (2011), é importante destacar:

O ensino da música no Brasil não começou com as homilias jesuíticas. Quando chegaram os primeiros colonizadores, os índios já fruíam de cantos e instrumentos próprios, tão variados eram estes quanto o enorme número de etnias existentes. Tais fatos são atestados pela iconografia pré-colonial e pelas cartas dos primeiros navegantes. Grupos indígenas que se mantiveram isolados ainda podem conter costumes anteriores a colonização. (ZORZAL, 2011, p. 75)

Bem antes da vinda dos portugueses para o país, os nativos já faziam uso da música como recurso de ensino-aprendizagem. Os cantos utilizados em sua manifestação cultural eram um conhecimento passado de geração a geração. E o uso de instrumentos que produzissem som também já era utilizado por eles.

A música no país também sofreu uma grande influência dos negros que foram trazidos, para serem explorados. Para Unglaub (2000, p. 17), “mesmo separados por diferentes culturas, sempre revelavam uma fértil musicalidade, que se manifestava, seja para exprimir a dolorosa saudade e o banzo insuportável, seja para expressar a euforia possível dos seus raros momentos de alegria.”

Os negros, assim como os indígenas, não tiveram sua cultura e conhecimentos valorizados. E a expressão musical foi uma forma encontrada pelos africanos de manter viva suas raízes.

Após a expulsão dos jesuítas e com a vinda da família real, a educação musical sofreu mudanças. Segundo Unglaub (2000):

Com a chegada da Família Real, em 1808, foram introduzidas grandes transformações na cidade do Rio de Janeiro, notadamente nas artes, fruto da linhagem da qual provinha D. João VI, e continuada por ele, de incentivo ao exercício das artes. Ele seguiu essa tradição familiar, patrocinando de forma notável o desenvolvimento da cultura musical. (UNGLAUB, 2000, p. 18)

Junto com a família real, a colônia, que nesse momento passou a ser considerada como metrópole, recebeu, grandes músicos, compositores, e instrumentos estrangeiros, que ajudaram a fomentar e a modificar a música e seu ensino no território brasileiro. Seu foco agora deixa de ser religioso e começa a ser usada em teatros, onde havia apresentações de ópera e de músicos consagrados.

Um marco no processo de ensino da música foi dado em 1816, com a Missão Francesa que começou a funcionar 10 anos, após sua criação e foi considerada a primeira escola de Belas Artes, seu foco de alunos era a nobreza.

Apesar de todas essas mudanças no contexto musical, seu ensino nas escolas continuou sendo feito da mesma maneira que os jesuítas regiam as aulas. Durante um bom tempo a metodologia permaneceu a mesma e os mais beneficiados com a arte da música era a elite. Segundo Camargo (2009):

Só 1854 é que o ensino da música se institui formalmente na escola pública por meio de um decreto. Somente em 1889, sai um decreto que exige a especialização do professor para o ensino de música, no intuito de sistematizá-la enquanto área de conhecimento na educação básica. (CAMARGO, 2009, p. 6)

Com essa mudança, o ensino passou a ser proporcionado para todas as classes sociais, com o objetivo de trabalhar a música como conteúdo que desenvolvesse o aluno como um todo. Junto com essas transformações, são criados em São Paulo e no Rio de Janeiro, Conservatórios de Música que tinham como objetivo, o ensino específico de instrumentos musicais.

Ainda segundo Camargo (2009), outro grande avanço no ensino desse conteúdo foi observado em 1920:

Mário de Andrade em 1920, com as idéias (sic) nacionalistas do movimento modernista, trás um novo enfoque para a música enfatizando sua função social e valorizando a cultura popular. Com o apoio de Villa-Lobos que inspirado compositor húngaro Zoltán Kodály, propôs o canto coral para as escolas e mais tarde instituiu o canto orfeônico nas escolas públicas de todo país. Foi um período que além da democratização da música procurou-se com ela criar uma identidade brasileira. Para isso, houve um resgate das expressões artístico popular de todos os cantos do país que foram levados para as escolas em forma de canto coral, visto que a voz seria o único instrumento que poderia garantir essa acessibilidade. (CAMARGO, 2009, p. 7)

As aulas de canto foram ganhando espaço, nas escolas, para criar na música brasileira, uma identidade própria, pois, com as grandes influências estrangeiras era preciso colocar nas músicas uma brasilidade.

Pode se observar que nesses períodos, a educação musical era trabalhada com o objetivo de formar músicos. Na década de 60, o Canto Orfeônico¹ foi substituído por aulas de Educação Artística, mas as mudanças na aplicação do conteúdo foram mínimas.

Unглаub (2000), relata essa mudança no cenário educacional:

Em 1961 deu-se a transformação do canto orfeônico em educação musical nas escolas de 1º e 2º graus, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 4.024, mas esta educação musical era optativa e sua inclusão dependia de cada escola. Apesar das mudanças determinadas por essa lei, não se tratava realmente de um novo procedimento. (UNGLAUB, 2000, p. 29)

O canto foi substituído pelo ensino de arte que se restringia a desenhos e era considerado como matéria complementar do currículo das escolas, deixando as outras áreas como música, artes plásticas, manuais, teatro como opcionais para cada instituição de ensino.

Em 1971, ouve uma nova tentativa de reformular o ensino de música. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 5692/71, a arte foi incluída no currículo escolar com o título de Educação Artística, considerada como atividade educativa e não como disciplina. (UNGLAUB, 2000, p. 35).

Essa mudança não fez muita diferença na prática. Pelo contrário, causou um prejuízo no ensino e na valorização da arte e de seus conteúdos. A falta de

¹ Canto orfeônico é um tipo de prática de Canto coletivo amador, tendo esse nome em homenagem a Orfeu, deus da mitologia grega, que encantava e amansava as feras com sua música.

preparo dos professores tornou as aulas desinteressantes e monótonas. O conteúdo era abordado de forma superficial, mecânica e sem significado.

Com isso, o que era para contribuir e ajudar na formação dos alunos, levando-os a refletir, expressar-se, desenvolver o senso crítico, a criatividade, imaginação dentre outros benefícios, tornou-se uma aula sem significado.

Em 1988 entrou em discussão uma nova LDB, que foi sancionada em 20 de dezembro de 1996. Essa nova LDB previa na lei nº 9.394/96 que o ensino de arte fosse obrigatório, na educação básica. (UNGLAUB, 2000, p. 38).

Com a intenção de aperfeiçoar ainda mais o ensino de artes, foi aprovada a Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, que modificou a LDB vigente, colocando o ensino de música como componente curricular obrigatório do ensino de arte.

Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008.

Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.

O Presidente da República Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 6º:

Art. 26. [...]

§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.(NR) (BRASIL, 2008)

Com a aprovação da lei, as escolas começaram a incluir em sua grade curricular a disciplina de Música, o que já é considerado um grande passo para a educação artística e musical, pois o país passou por um longo período em que essa disciplina não teve relevância educacional. Figueiredo (2002), faz uma reflexão sobre essa mudança,

[...] até hoje as experiências de ensino de artes nas escolas brasileiras não deram conta de estabelecer uma consciência da importância ou da necessidade das artes no desenvolvimento dos indivíduos que frequentam as escolas, e não se pode ingenuamente acreditar que por causa de um parágrafo da LDB as mudanças de concepção serão imediatamente elaboradas, implementadas e aceitas por uma comunidade desabituada a tal situação. (FIGUEIREDO, 2002, p. 43)

É importante observar que na atualidade muito ainda continua igual ao passado. A realidade atual do ensino de música na disciplina de artes nas

escolas mostra que ela ainda é trabalhada de forma superficial, pois, ainda falta preparo para os professores trabalharem a disciplina.

No cotidiano escolar, ela vem sendo usada apenas em determinados momentos, ao trabalhar com os alunos canções para se fazer uma fila, ou na hora de lavar as mãos e lanche. Essa é sim uma forma de trabalhar a música na sala de aula, mas para desenvolver a musicalidade nas crianças é preciso ir além de cantar cantigas.

3 A MÚSICA NO CONTEXTO ESCOLAR ATUAL

Com a aprovação da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008 que coloca o ensino da música como obrigatório nas escolas, vêm sendo muito discutido os benefícios que esse conteúdo pode oferecer aos alunos e também como ele deve ser trabalhado, para que seu objetivo seja alcançado.

Para Granja (2013, p. 15), “o ensino de música nas escolas deve ter como fim, menos a formação de uma elite de músicos talentosos e mais a formação de pessoas que sejam capazes de realizar seus projetos, a partir de múltiplas linguagens”. A inserção da música no contexto escolar vai além de formar músicos, ela contribui para desenvolver nos alunos, habilidades que complementem sua formação educacional.

Góes (2009, p. 6) diz que, “o objetivo da música na educação é contribuir na formação e desenvolvimento da personalidade da criança, pela ampliação cultural, enriquecimento da inteligência e pela evolução da sensibilidade musical.” Sendo assim, a musicalidade no processo educativo contribui para a formação de forma integral do aluno, envolvendo não só aspectos cognitivos e conteúdos, mas também valorizando a sensibilidade e expressão dos educandos.

Moreira, Santos e Coelho (2014), citam algumas contribuições que a música oferece, quando inserida no contexto escolar:

A música pode ser uma atividade divertida e que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporciona um estado agradável de bem-estar, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, sendo também um agente cultural que contribui efetivamente na construção da identidade do cidadão. Pode até mesmo transformar conceitos espontâneos em conceitos científicos. Existe uma indelével e forte correlação entre a educação da música e o desenvolvimento das habilidades que as crianças necessitam para se tornarem bem sucedidas na vida. Autodisciplina, paciência, sensibilidade, coordenação, e a capacidade de memorização e de concentração são valorizadas com o estudo da música. Estas qualidades acompanharão os educandos em qualquer caminho que escolham para a sua vida. (MOREIRA; SANTOS; COELHO, 2014, p. 42-43)

A educação musical contribui para a formação do aluno como um todo. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI): “A

linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social.” (BRASIL,1998, p. 49). Seus benefícios podem ser levados por toda a vida, em vários aspectos seja no cognitivo, emocional ou até mesmo profissional e social, pois em uma sociedade onde se cobram a todo momento disciplina, atenção, criatividade, agilidade, paciência, alto controle e muitos outros requisitos, a música pode ajudar a desenvolvê-los e a aprimorar os educandos, contribuindo para sua formação pessoal.

Segundo Góes (2009):

A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima (sic) e autoconhecimento, além de poderoso meio de interação social. Portanto, a música no contexto educacional, vem ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheio às questões próprias dessa linguagem tem sido em certos casos, suportes para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos. (GÓES, 2009, p. 8)

Góes completa que, ao trabalhar com a música no cotidiano escolar, amplia-se a variedade de linguagens, o que pode permitir a descoberta de novos caminhos de aprendizagem para que, assim, o aluno possa se desenvolver de forma eficaz e de acordo com seus interesses e habilidades.

Para Loureiro (2010):

Além de uma prática artística, que possibilita as vivências que enriquecem a imaginação e a formação global da personalidade, a educação musical pretende proporcionar ao indivíduo a capacidade de sintetizar forma e conteúdo, como uma resposta criativa ao mundo contemporâneo (LOUREIRO, 2010, p. 113)

Sendo assim, a educação musical vai além de formar músicos e cantores, ela expande os horizontes dos educandos, dando a eles uma nova perspectiva de mundo, possibilitando também diferentes formas de refletir e interagir com o meio que os cerca. E, a partir do momento em que o ser começa a questionar e a interagir em sociedade, ele pode modificar e contribuir de forma positiva para se crescimento.

De acordo com Góes (2009),

A música tem sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo e motor despertando a criatividade, pois a música por si só contribui para o pensamento criativo. Cada criança ao escutar uma melodia, interpreta-a de forma única e pessoal. É uma leitura interna de algo que está vindo de fora. Além da forma de internalização, inversamente, a música fornece, também subsidio (sic) para externalizar sentimentos, Sendo assim, a música é uma arte que pode atingir de forma a integrar o ser humano. Percebendo a espontaneidade da criança em cantar e dançar, confirma-se o importante papel que elas exercem no desenvolvimento integral da criança e em seu pensamento criativo. (GÓES, 2009, p. 6)

A educação musical só tem a contribuir e agregar no processo de ensino-aprendizagem, nas escolas. Com sua prática bem executada, ela contribui de forma eficaz, para que o aluno se desenvolva de acordo com suas habilidades e obtenha conhecimentos de uma forma mais prazerosa e eficiente.

3.1 Ouvir e escutar

Há uma grande diferença entre o ouvir e escutar. “Ouvir é captar fisicamente a presença do som. Nesta perspectiva, o “ouvir” estaria mais próximo da dimensão sensorial da percepção.” (GRANJA, 2013, p. 65). O ouvir se limita a reconhecer a presença do som, captar e reconhecer as ondas sonoras que estão no ambiente sem se preocupar com o sentido do que se ouve. Já o escutar, “é dar significado ao que se ouve”. “O “escutar”, estaria mais próximo da dimensão interpretativa da percepção”. (GRANJA, 2013, p. 65). Portanto, ele é o que dá sentido ao som, um complementando o outro.

Apenas pelo ato de saber ouvir e escutar, mesmo sem entender sobre música é possível perceber seus efeitos. Para Granja (2013, p. 66), “escutar musicalmente é mais do que simplesmente perceber vibrações sonoras, é estabelecer múltiplas relações entre as ondas sonoras que atingem nosso ouvido e corpo.” Essa percepção dá significado ao que se ouve.

Infelizmente, o ato de escutar e refletir sobre o que se ouve, atualmente, vem perdendo seu significado. Com todo o avanço tecnológico e a facilidade de

se interagir com a música, ela vem perdendo seu valor reflexivo. Granja (2013), aponta como isso está acontecendo:

Hoje em dia existe uma enorme variedade de meios de reprodução musical (rádios, CD players, ipodes etc.) que possibilitam o acesso quase imediato a todo tipo de música. A música se faz presente sem esforço, como num passe de mágica. Não há necessidade de qualquer ritual ou sacrifício do ouvinte. Além do acesso rápido e fácil, a música está presente em muitos dos ambientes que frequentamos, sejam eles públicos ou privados. Há música nos locais de trabalho, nas lojas, nos supermercados, nos bancos, nos carros, no cinema, nos restaurantes etc. Curiosamente, não há muita música na escola, a não ser clandestinamente, por meio dos aparelhos portáteis que os alunos carregam consigo. (GRANJA, 2013, p. 67).

Toda essa facilidade e diversidade de se encontrar a música, faz com que o escutar não seja realizado de forma efetiva. Muitas vezes não se sabe a mensagem que se passa por meio de determinada canção. Essa reflexão é importante, é com o escutar que o som ganha sentido.

O mais curioso é que mesmo tendo música em praticamente todos os lugares, é na escola onde ela menos se faz presente. Mesmo na atualidade, sendo colocada como conteúdo obrigatório na disciplina de artes.

Granja (2013), explica esse desaparecimento da seguinte maneira:

Seu desaparecimento gradual na escola reflete, de alguma maneira, uma crescente desvalorização desse conhecimento pela sociedade. A dinâmica de funcionamento de uma sociedade industrial impõe uma outra configuração de valores, em que o conhecimento técnico-científico acaba se sobrepondo ao conhecimento de natureza artística, como é o caso da música. (GRANJA, 2013, p. 103-104)

Pode se comparar o valor da música, na antiguidade e atualmente, ao observar como os gregos valorizavam e trabalhavam a música juntamente com a ciência, em perfeita harmonia entre elas, o que, não é visto nos dias de hoje. O conhecimento que tem valor é aquele que prepara para um vestibular, caso contrário os outros são colocados em segundo plano.

3.2 Inteligências múltiplas e a música

Howard Gardner defendia a teoria das inteligências múltiplas, que mudou a forma como se vê o conhecimento nas escolas. “O autor defende uma visão pluralista da mente humana, em oposição à perspectiva unidimensional em torno da inteligência matemática e linguística.” (GRANJA, 2013, p. 88). Sendo assim, cada pessoa tem uma forma diferente de potencializar e configurar os conhecimentos, mas nem sempre essa forma tem valor para o sistema de ensino.

Segundo Granja (2013), essas inteligências são caracterizadas da seguinte forma:

Lógico-matemática: normalmente associada à competência para desenvolver raciocínios dedutivos e lidar com objetos matemáticos; Linguística: associada com a habilidade em lidar com as palavras e com a língua corrente; corporal-cenestésica: relacionada às habilidades corporais e motoras; Espacial: relacionada à capacidade de orientação e percepção espacial; Musical: associada à competência em perceber e manipular os sons; Interpessoal: associada à capacidade de se relacionar com as outras pessoas; Intrapessoal: relacionada à capacidade de autoconhecimento. (GRANJA, 2013, p. 89)

Essas sete dimensões se relacionam de forma diferente em cada pessoa de acordo com suas aptidões. Elas atuam em conjunto de acordo com as necessidades apresentadas. Para ilustrar a relação da educação musical e as múltiplas inteligências foi feita uma relação entre inteligência musical e as demais.

Granja (2013) as exemplificou da seguinte forma: musical e corporal, ao usar de atividades como a dança, que é a expressão corporal da música. Outra combinação pode ser feita entre a musical e a lógico-matemática, onde ambas as expressões procuram por padrões regulares, seja no raciocínio lógico ou na estrutura de compassos de uma música. Além de ambas possuírem formas específicas de representação. A própria notação musical possui a matemática como base. Essa relação também pode ser feita com a linguística. Ao colocar letras e palavras, dando sentido textual às melodias, e assim formar canções, é uma forma de relacionar essas duas inteligências. A combinação entre musical e pictórica pode ser feita ao unir os sentidos da audição com a visão dando

forma visual ao que se ouve. Já a relação com a espacial pode ser feita pela análise e observação do som em diferentes lugares e de diferentes intensidades. A junção musical com a intrapessoal e o fazer musical vem como uma ferramenta de alto conhecimento e de expressão do eu. No interpessoal essa combinação favorece e estimula o convívio social e a troca de experiências com o próximo, ao formar uma bandinha ou um coral. Essa relação de coletividade desenvolve no aluno, além dos saberes musicais, o respeito e a solidariedade.

A relação da música dentro das inteligências múltiplas só enriquece e facilita o processo de ensino-aprendizagem. É possível fazer diversas combinações entre elas e desenvolver atividades, que estimulem nos educandos habilidades e conhecimentos de forma prazerosa e eficaz, respeitando a individualidade do aluno e fazendo com que ele supere suas dificuldades, mostrando que não há apenas uma forma de se aprender.

3.3 Educação musical e a psicomotricidade

A educação musical contribui para o desenvolvimento motor da criança, a partir de atividades simples como bater palma para acompanhar a melodia, diminuir ou aumentar a intensidade do som ao cantar, fazer movimentos de acordo com o ritmo. Essas atividades são exemplos de que, por meio da música, a criança está desenvolvendo muito mais que a oralidade, ela está conhecendo melhor seu corpo e suas possibilidades, criando noções de lateralidade, tempo, intensidade, que são importantes para seu crescimento.

Segundo Santos (2002, p. 9), “o esquema corporal é um elemento básico indispensável para a formação da personalidade da criança. É a representação relativamente global, e diferenciada que a criança tem de seu próprio corpo”. Proporcionar atividades que instiguem as crianças a explorar e conhecer seu corpo e suas possibilidades faz parte dos objetivos da educação, e, com o uso de canções, essas atividades podem ficar mais prazerosas e obter mais resultados.

Sobre isso assim dizem Ferreira e Rubio (2012):

A educação psicomotora deve ser trabalhada de maneira lúdica, divertida, animada e livre de regras e cobranças, porém com propostas devidas para que se alcance o objetivo desejado. A música é uma das maneiras lúdica e divertida que pode e deve ser trabalhada na escola com os pequenos, a fascinação que a música exerce sobre a criança é visível, basta tocar um CD infantil, para que desperte nelas a alegria e a vontade de dançar, de cantar, desenvolvendo sua capacidade corporal, expandindo seus movimentos, percebendo seu espaço, sua delimitação, a percepção de si mesma e dos colegas. (FERREIRA; RUBIO, 2012, p. 7)

O simples ato de se colocar uma cantiga, durante uma brincadeira psicomotora, torna a aula mais atrativa e prazerosa, prendendo a atenção dos alunos, despertando neles mais interesse. É tarefa do professor, com o apoio do coordenador pedagógico da escola, buscar diferentes meios de explorar o que há de melhor na educação musical, para ajudar o aluno a avançar em todas as áreas do conhecimento, formando-o como um ser completo, buscando desenvolver todos os aspectos cognitivo, social, afetivo, motor e pessoal. A música aliada às práticas docentes diferenciadas e multidisciplinares, torna-se uma aliada nesse processo de formação da criança.

4 OS DESAFIOS PARA A PLENA EXECUÇÃO DA EDUCAÇÃO MUSICAL

A aprovação da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, inclui a música como conteúdo obrigatório a ser trabalhado nas escolas desde as séries iniciais às finais. Uma das justificativas para a inserção da música na escola, segundo Granja (2013), é contribuir para a formação pessoal do aluno, por ser um tipo de linguagem que permite a expressão dos sentimentos e valores de cada pessoa e grupo social.

Granja (2013), também, cita que alguns autores defendiam que a palavra “pessoa” ou *persona* deriva de *personare* que tem significado de “ressoar, soar através de”. Sendo assim, se justifica o fato de a música estar tão próxima do ser humano. Ou seja, a música está ligada ao ser humano no âmbito físico e conceitual. Ao executar uma música, cada um deixa sua identidade como uma personalidade própria, porque ninguém interpreta e reproduz uma canção da mesma forma. Cada pessoa se sente tocada e sensibilizada por determinado som de uma maneira diferente e, ao reproduzir, deixa nele suas características.

Juntamente com a Lei nº 11.769/2008, vieram diversos benefícios para o processo educativo, mas ao mesmo tempo dúvidas e incertezas de como lidar e desenvolver esse conteúdo.

Para Loureiro 2010:

São muitos os problemas enfrentados pela área de educação musical. Dentre eles, consideramos como os de maior importância a falta de sistematização do ensino de música nas escolas de ensino fundamental e o desconhecimento do valor da educação musical como disciplina integrante do currículo escolar. (LOUREIRO, 2010, p. 109)

A falta de preparo dos professores perante a música contribui, para que ela seja trabalhada de forma superficial e descontextualizada e, assim, não atinja os benefícios que ela proporciona.

Para se trabalhar com educação musical, em nível de Educação Básica, não é necessário ser músico, como cita o Artigo 62 da Lei nº 12.796, de abril de 2013:

Art. 62 - A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (BRASIL, 2013)

Assim sendo, o professor que tenha a formação básica para atuar na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, pode lecionar as aulas de educação musical, que está inserida como o único conteúdo obrigatório a ser trabalhado dentro da disciplina de artes.

É importante ressaltar que, mesmo não sendo obrigatório, uma formação específica, para ensinar música nas escolas, o professor deve buscar meios para se integrar no assunto, para tornar a aula significativa e contextualizada. Loureiro (2010) diz que, o preconceito de que para produzir música é preciso ter “dom” não é mais uma verdade. Para ele qualquer pessoa pode fazer e se expressar por meio dela, desde que seja oferecido a ele um ambiente propício, para que isso ocorra.

É preciso que se conheça sobre o assunto e explore suas contribuições para o desenvolvimento, porque apenas pelo ato de se ouvir uma música de qualidade, acompanhar o ritmo com palmas ou movimentando o corpo, refletir sobre determinada canção de forma significativa e contextualizada, já se têm ganhos no processo cognitivo e educativo, e entender que a educação musical deve ser trabalhada de forma contextualizada.

Atualmente nas escolas, a música exerce um papel de comando. Canta-se para as crianças saberem quando ir para a fila, lavar as mãos, comer, fazer silêncio, antes e após uma história e em vários outros momentos da rotina escolar. É importante destacar que trabalhar a musicalidade na escola não se restringe apenas a utilizar cantigas como forma de levar o aluno a compreender que, naquele momento, deve ser realizada determinada ação.

Aquino (2013) diz que:

Cotidianamente, professores cantam com os alunos melodias que auxiliam o momento do lanche, da higiene pessoal, das práticas cívicas, das brincadeiras, das festividades... A música é explorada com finalidades lúdicas, como recurso pedagógico para outra área do saber, como mecanismo de controle, porém dificilmente trabalhada enquanto área do conhecimento autônoma dotada de especificidades: objeto de estudo, conteúdos, técnicas, referenciais e metodologias particulares. Assim, embora práticas musicais estejam presentes no cotidiano da escola, há um esvaziamento de intencionalidade quanto ao seu ensino sistemático. (AQUINO, 2013, p. 3)

A educação musical tem muito a oferecer para o educando, quando abordada como uma área do conhecimento. É preciso colocar o ensino de música como integrante e de real importância para o processo de ensino-aprendizagem, dando a ela seu devido valor e explorando ao máximo todos os seus benefícios, pois só haverá ganhos no processo de aprendizagem.

Loureiro (2010) diz que, a criança está aberta a receber diversos estímulos sonoros que lhes chega de forma natural, e que cabe ao professor também se mostrar aberto para receber o novo, tomando consciência de que é preciso buscar novas maneiras de apreciar o mundo e seus sons, deixando de lado critérios já enraizados.

Sendo assim, é necessário que o professor, assim como os alunos, esteja aberto para receber e valorizar os diversos gêneros e tipos musicais e sonoros, porque o educador é a porta de entrada para o aluno conhecer o universo musical.

Loureiro (2010) observa que:

No que se refere à música, ou melhor à educação pela música, dentro dessa nova sociedade em fase de desenvolvimento sociocultural, em que sistemas ligados à comunicação de massa, ao desenvolvimento acelerado da tecnologia dominam o cenário nacional, surge a necessidade de fazê-la interagir com este mundo globalizado, numa tentativa de torná-la mais próxima do homem, prevenindo, dessa forma, o declínio de sua importância social. (LOUREIRO, 2010, p. 112)

Num mundo globalizado cheio de informações e acesso a conteúdos de forma imediata, é preciso buscar meios, para que a música não perca seu papel na sociedade.

Nos dias atuais a música está presente em diversos lugares e de variadas formas. Ouve-se de tudo, mas não se compreende nada. É necessário colocar a música, de forma mais significativa, no cotidiano escolar. Um dos meios de se criar essa significação e proximidade é na escola, dando ao aluno a oportunidade de ter acesso a diferentes tipos musicais que o leve a refletir e entender o que o compositor pretendia alcançar com determinada canção, mostrando ao aluno que essa também é uma forma de expressão.

O RCNEI (1998) diz sobre isso:

É aconselhável a organização de um pequeno repertório que, durante algum tempo, deverá ser apresentado para que estabeleçam relações com o que escutam. Tal repertório pode contar com obras da música erudita, da música popular, do cancionero infantil, da música regional etc. A música, porém, não deve funcionar como pano de fundo permanente para o desenvolvimento de outras atividades, impedindo que o silêncio seja valorizado. (BRASIL, 1998, p. 64).

É importante proporcionar para o aluno diferentes experiências e vivências musicais, sem deixar de lado a valorização do silêncio que, assim como o som, é de grande importância para o aprendizado e desenvolvimento dele. Por meio do silêncio, o educando pode experimentar sensações observar detalhes como as batidas de seu coração, os ruídos, organizar seus pensamentos, refletir, além de compreender que, para que exista o som, é necessário o silêncio e que um complementa o outro.

Embora existam muitas formas de se trabalhar com a música em sala de aula, não há uma fórmula milagrosa e cem por cento eficaz. O que existe são diferentes atividades que, quando bem executadas proporcionam ao educando benefícios no seu processo de ensino-aprendizagem.

Loureiro (2010) diz que:

Não há, na verdade, um único caminho a ser seguido que possa garantir, com segurança, a eficiência da prática da educação musical. Não há imunidade para qualquer atividade ou método. As críticas e os questionamentos devem ser encarados como essenciais e fundamentais para o aprendizado do novo, assim como um constante aprimoramento e uma constante busca de renovação. (LOUREIRO, 2010, p. 165).

Criar novas práticas, refletir e questionar antigas são o caminho para, junto com a formação continuada, buscar formas eficazes de se trabalhar a educação musical no contexto escolar, de forma diferenciada, que gere resultados satisfatórios para o processo de ensino-aprendizagem.

4.1 Formas de se trabalhar a educação musical

A educação musical não deve ser trabalhada de forma isolada dos demais conteúdos. Afinal, o seu objetivo é facilitar e mediar a aprendizagem. Uma forma de utilizar a música no contexto escolar é por meio da interdisciplinaridade. Para Ponso (2011, p. 75), “trabalhar com interdisciplinaridade requer humildade, comunicação, criticidade, criatividade, compromisso e trabalho em equipe.” Não é possível executar uma prática interdisciplinar de forma individual. É necessário trocar ideias e experiências, para poder interligar os conteúdos.

Ao se usar a música de forma interdisciplinar é preciso buscar fontes e trocar ideias, conhecer as necessidades dos alunos e desenvolver estratégias que ajudem a fortalecer o processo de ensino aprendizagem.

A música pode ser abordada em diversas áreas do conhecimento como na matemática, alfabetização, desenho, literatura e nas mídias.

4.1.1 Música e literatura infantil

A literatura está inserida no cotidiano escolar, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio, e acompanha o ser humano por toda a vida. Despertar o interesse e prazer pela leitura deve começar desde pequeno.

Ela traz um universo a ser explorado e possibilita que a música seja inserida em seu contexto, por meio de fábulas, parlendas, poemas, trava-línguas, histórias entre outras vertentes de seu contexto.

Ponso (2011, p. 23) diz que, “Nos livros infantis, alguns autores utilizam a temática musical em suas histórias, nas quais os personagens são cantores, músicos ou instrumentos musicais.” Muitas histórias trazem em seu contexto canções para remeter e dar ênfase a uma determinada ação, como um passeio na floresta para levar doces à vovó, ou a comemoração pela derrota do lobo

mal. Muitas parlendas e trava-línguas se transformaram em músicas infantis como: o cravo brigou com a rosa, ciranda cirandinha, entre outros. Esses são exemplos de como a música se faz presente no meio literário.

Mas essa não é a única forma de se inserir canções nas histórias. Ponso (2011), exemplifica que:

A aula de música pode resgatar essa temática, muitas vezes recriando histórias, compondo temas, construindo instrumentos ou interpretando os personagens. Para que essa parceria se torne significativa, o primeiro momento da contação precisa ser interessante, utilizando efeitos sonoros, sons de instrumentos ou a participação das crianças realizando sons onomatopéicos, cantando ou criando ambientes sonoros. (PONSO, 2011, p. 23)

A utilização da música no contexto literário pode proporcionar uma grande variedade de atividades a serem realizadas, contribuindo não apenas para o hábito de leitura, mas também na aquisição dos benefícios que a música oferece.

4.1.2 Música e desenho

O desenho é uma das primeiras formas de expressão das crianças. Em cada uma das obras existe um universo de cores, formas, objetos, sensações que elas utilizam como forma de se transmitir o que sentem, pensam, imaginam utilizando de registros gráficos. Por meio dele, a criança coloca sua impressão do mundo em que vive, representando, objetos, pessoas, momentos, sons e sensações.

Ponso (2010), coloca que:

No instante em que está criando um desenho, toda sua imaginação está voltada para aquela ação. Muitas vezes o ato de desenhar vem acompanhado por sons e movimentos corporais nos quais a criança integra suas percepções acerca daquela criação. Portanto, é fundamental permitir esse espaço e tempo de organização da criança ao sistematizar suas fantasias. (PONSO, 2010, p. 47)

No momento criativo da criança, canções podem se fazer presentes, para estimular a criatividade, sensibilidade e a expressão, durante o desenho. Além de estar presente como fundo da atividade, ela pode ser a protagonista.

Atividades como o registro de som contribuem muito para o estímulo neural, acionando diferentes áreas cerebrais, para a realização de uma única função. Outro exercício pode ser o registro ilustrativo da música, onde as crianças devem, por meio do desenho, representar o que a canção diz.

Com essas e várias, outras atividades o professor estará desenvolvendo em seus alunos a habilidade de observação das coisas que os cercam, seja objeto, paisagens, sons, ruídos ou melodias, aprimorando a percepção dos educandos.

4.1.3 Música e a matemática

São dois conteúdos que estão presentes na rotina escolar e que, quando unidos, proporcionam bom resultado. A ligação entre eles é antiga e pode ser observada desde a Grécia, com a relação do conhecimento matemático e artístico musical. Granja (2013), observa que, existe uma forte semelhança entre o pensamento matemático e o pensamento musical. Ambos buscam padrões e regularidades. A matemática estuda a regularidade presente nas formas e nos números. Na música, busca-se a percepção das regularidades sonoras e temporais.

A música está interligada à matemática, de várias formas, devido a essa relação, ao estudar uma delas, conseqüentemente, aprimora-se a outra. Ponso (2011), faz observações sobre pesquisas feitas com crianças que receberam aulas sistemáticas de instrumentos e que se sobressaíram em testes de inteligência, mostrando que a música desperta habilidades, influenciando tanto nas áreas de linguagem como da matemática.

Ele também observa que:

No caso da música interagindo com a matemática, podemos fazer algumas relações que irão despertar nos alunos associações e ideias. A primeira relação a estabelecer diz respeito à forma como ambas são vistas como linguagem. A música e a matemática aparecem amplamente de forma prática no cotidiano da criança. Esta cresce ouvindo canções, dançando, aprendendo a contar, somar e subtrair pequenas quantidades. (PONSO, 2011, p. 59)

Atualmente, a junção entre elas pode ser realizada, ao recitar canções que estimulem a noção numérica como: a galinha do vizinho, os indiozinhos, os

cinco patinhos, entre outras. Ou atividades relacionadas com o tempo, onde as crianças devem assoprar apitos, bater palmas e realizar sons por um determinado período de tempo, depois intercalar essas ações e assim formar uma melodia.

Também pelo estudo das notas musicais e seus valores, onde a forma de representação de cada uma determina um valor específico representado por números inteiros ou frações. O valor de cada figura de nota indica quantos segundos ela deve ser tocada. Essas atividades trabalham com a criança a noção de tempo e duração, o silêncio, ritmo, valores, números, raciocínio lógico e rápido, entre outros aspectos.

4.1.4 A música e alfabetização

O processo mais significativo que deve ser solidificado de forma efetiva na vida do estudante é o de alfabetização. Ele, quando bem trabalhado, leva o aluno a ser não apenas um leitor, mas também um questionador.

Ponso (2011, p. 35), diz que “por meio da música podemos criar, recriar e transformar diversas cenas cotidianas, a fim de desenvolver os preceitos básicos da alfabetização.” Ela possibilita à criança vivenciar tanto a linguagem oral, como a escrita e, ao analisar a letra de uma música, ela desenvolve também a reflexão. Ou criar letras para melodias já existentes, criando paródias, explorando os sons das letras e palavras.

A criança pode ter um papel ativo, durante o processo de alfabetização, usando a música como recurso. Ela pode criar e adaptar canções, usando sua imaginação e expressando seus sentimentos.

Ponso (2011) coloca que:

Para que ocorra o processo de ler e de escrever, as crianças devem entender como os sons são representados a partir da imagem do alfabeto. É fundamental que compreendam o significado e tenham consciência dos sons e do grupo de letras que constituem o sistema de signos e símbolos que é a escrita. (PONSO, 2011, p. 35).

Uma das formas de se aproximar o símbolo das letras ao som é o uso do método fônico, onde há a junção da figura, som e nome das letras. Embora

não seja um método muito usado, seus benefícios em relação ao processo de alfabetização são de grande valor.

Mas existem outras formas de se trabalhar a alfabetização junto à educação musical. Existem várias músicas que dão ao professor um suporte para trabalhar o alfabeto, fazendo relação com objetos e as palavras. Atividades como a representação musical por desenhos, onde os alunos devem completar a letra da música escrevendo o nome das figuras. Ou após ouvir uma canção, realizar o registro escrito das palavras que mais lhe chamou a atenção. Ou pela análise de uma cantiga observar sua sequência lógica de início meio e fim, dessa forma, aos poucos internalizar esse conceito.

Esses são exemplos de atividades que podem contribuir para uma alfabetização mais significativa, onde as palavras terão um sentido. E assim, tornar esse processo mais prazeroso e eficaz.

4.1.5 Música e mídia

A música está presente em praticamente todos os ambientes, sejam eles físicos ou virtuais. Por ser uma forma de comunicação eficiente e chamativa, ela é usada em campanhas publicitárias, ou como forma de tornar a espera menos cansativa seja no telefone ou em consultórios. Nas mídias sociais, filmes e jogos tecnológicos, ela se faz presente como trilha sonora, pois consegue exprimir sentimentos e sensações que não seriam alcançadas apenas visualizando as imagens.

Ponso (2011), diz:

A instituição do som-imagem já existe desde a criação do cinema sonoro e, no universo infantil, a partir dos desenhos animados de meados do século XX. No conceito contemporâneo, o som-imagem enquanto fusão de sentidos aparece nos meios de comunicação sem que se possa separá-los. Esse conceito evoca elaborados jogos multimídia e *sites* interativos da internet com os quais convivem as crianças. Um jogo de *videogame* não funciona sem a parte auditiva e um videoclipe não tem função enquanto imagem se estiver dissociado da sua música. (PONSO, 2011, p. 67, grifo da autora)

A música, além de estar presente em todo o ambiente, muda de acordo com as necessidades. Em um filme, no momento de suspense, é preciso um som mais misterioso, para um *ding* de publicidade é necessária uma melodia

curta, com palavras que fixem na memória. Essas características específicas também são encontradas entre diferentes compositores. Existem vários gêneros musicais que circulam a todo momento no rádio, TV, celular, e que carregam consigo características próprias, tanto do seu autor, como da região em que predomina.

As escolas recebem crianças de diferentes locais com diversos gostos e experiências musicais. Ponso (2011, p. 68), diz que, “discutir o gosto musical dos alunos é enriquecedor, valoriza a diversidade e a cultura de cada família.” É essencial propor momentos onde os alunos possam trocar experiências musicais e, além de mostrarem os gêneros que gostam, é indispensável que o professor apresente novos. Analisar e vivenciar experiências, utilizando trilha sonora onde poderão, por meio do som, experimentar diversos sentimentos e sensações. Inserir em uma contação de história ou dramatização sons para destacar momentos de suspense, alegria, tristeza, festividade entre outros.

Assim, os educandos aprenderão a respeitar os gostos divergentes do seu, além de vivenciar diferentes experiências musicais, ampliando seu repertório e até mesmo desenvolvendo gosto por eles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar diversas fontes e autores que discutem sobre a educação musical e sua contribuição para o processo de ensino aprendizagem é relevante dizer que toda sua história dentro da educação passou por diversos momentos, às vezes, muito valorizada e estimada, outras como atividade opcional e irrelevante. Seu processo de inserção e valorização nas escolas está sendo complicado e, embora a disciplina encontre dificuldades em sua execução, ela é indispensável, para que ocorra melhor desenvolvimento dos alunos.

Ela torna as aulas mais leves, prazerosas e significativas. Proporciona aos discentes momentos de descontração e aprendizagem, servindo para o professor como ferramenta didática, para estimular e desenvolver de forma eficaz o ensino de conteúdos, muitas vezes difíceis e monótonos, dando ao processo de ensino-aprendizagem mais leveza e beleza, mostrando que a expressão artística, assim como qualquer outro conhecimento, tem o seu valor e deve ser respeitada.

Cabe à escola e aos professores buscar cada vez mais conhecimentos e formação para tornar a musicalização cada vez mais presente, e fazer dela uma ferramenta pedagógica, para ajudar o aluno a avançar em todas as áreas do conhecimento, formando-o como um ser completo, buscando desenvolver todos os aspectos cognitivo, social, afetivo, motor, pessoal.

A música em conjunto às práticas docentes diferenciadas e interdisciplinares se torna uma aliada no processo educacional, além de trazer benefícios que os educandos levarão por toda a vida. Ela estimula, ao mesmo tempo, diferentes áreas cognitivas e motoras, tornando o aluno mais sensível, perceptivo a detalhes, criativo, expressivo, características que são bem valorizadas, tanto na vida escolar como profissional.

Sendo assim, é importante que os profissionais da educação estejam em constante busca por novos conhecimentos e formação sobre o assunto, para que possa assim, dar à educação musical seu devido valor e espaço, no âmbito educacional.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. L. Pela disciplinarização da música no currículo escolar? In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 39, 2013, Goiânia. **Anais...** Goiânia: EMAC/UFG, 2013. Disponível em: < http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt24_3022_texto.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018.

BÍBLIA. Salmo. **Bíblia Sagrada**. 66. ed. São Paulo: Ave Maria, 2007. Salmo 127, vers. 1

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Política da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo: volume 3**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 23 jan. 2018.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2008/Lei/L11769.htm> Acesso em: 10 mar. 2018.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 12.796**, de 4 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm>. Acesso em 10 mar. 2018.

CAMARGO, K. F. G. **Música nas séries iniciais: uma reflexão sobre o papel do professor unidocente nesse processo**. 29 p. Trabalho de Conclusão do Plano de Intervenção (Pós-graduação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

FERREIRA, L. A.; RUBIO, J. de A. S. A contribuição da música no desenvolvimento da psicomotricidade. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 3, n, 1, p. 1-15, 2012. Disponível em: <<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v3-n1-2012/Lucia.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

FIGUEIREDO, S. L. F. de. A Educação musical e os novos tempos da educação brasileira. **Revista Nupeart**, Florianópolis, v. 1, p. 43-58. 2002. <http://dx.doi.org/10.5965/2358092501012002043>

FRANÇA, C. C. A Interdisciplinaridade da vida e a multidimensionalidade da Música. **Música na Educação Básica**, Londrina, v. 7, n. 7-8, p. 86-95, 2016. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed7e8/Revista%20Musica%207_Fran%C3%A7a.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

GÓES, R. S. A música e suas possibilidades no desenvolvimento da criança e do aprimoramento do código linguístico. **Revista UDESC Virtual**, v. 2, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/udescvirtual/article/view/1932/1504>>. Acesso em: 9 jun. 2018.

GRANJA, C. E. de S. C. **Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação**. 1. reimp. 2 ed. São Paulo: Escrituras, 2013.

LOUREIRO, A. M. A. **O ensino de música na escola fundamental**. 7. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

MOREIRA, A. C.; SANTOS, H.; COELHO, I. S. A música na sala de aula: a música como recurso didático. **Unisanta Humanitas**, Santos, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unisanta.br/index.php/hum/article/view/277/277>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PONSO, C. C. **Música em diálogo: ações interdisciplinares na educação infantil**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011

SANTANA, S. R. M. de. A música como instrumento no processo de ensino aprendizagem da educação infantil. 27 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado de Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016

SANTOS, R. P. dos. **Psicomotricidade**. São Paulo: iEditora, 2002.

UNGLAUB, T. R. da R. O ensino de música no processo educativo: implicações e desdobramento nas séries iniciais do ensino fundamental. 165 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação, Campinas, 2000.

ZORZAL, R. C. Repensando a estrutura sobre história do Ensino de música no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 18, n. 2, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/viewFile/520/288>>. Acesso em: 11 jul. 2018.